

ESPECIAL

OS IRMÃOS DA SELVA

Pacificar, jamais. Contatar, aproximar, atrair, buscar uma forma de entendimento. Pacificar? Os índios kranhacãrore, se quisessem guerra, já teriam matado os irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas e encerrado sua história de quase trinta anos de incursões atrás de tribos arredias. Não há necessidade de pacificá-los. Nem há meios de convencê-los de que são hostis algumas de suas atitudes. Vivem eles a 6, 7 quilômetros das margens do rio Peixoto de Azevedo, interior selvagem de Mato Grosso. Ali, as regras da existência diferem das de outras partes do mundo. Cabe conhecê-las, aceitá-las, em vez de transformá-las ou mesmo, adaptá-las. Isto feito, a paz brota espontânea.

Convivem, nas águas do Peixoto de Azevedo, peixes saborosos como o pacu, o matrinxã, o piau, o pintado, a piraiíba. Alimentam, com sua fartura, os atléticos kranhacãrore, os índios gigantes, que desde fins de outubro Cláudio já avistou por três vezes. Mas aquelas águas límpidas abrigam também os jacarés médios e pequenos. E piranhas. Há menos de um mês, um jovem índio caiabi, dos que acompanham a expedição dos Villas Boas, deixou metade de um dedo do pé na boca de uma delas.

A mata, em volta, agride. Onças pretas, pintadas e pardas, em suas caminhadas noturnas, costumam passar entre as redes. São comuns as cobras venenosas, como a surucucu, a caicaça e a jararaca. Mas a mata é igualmente generosa em suas oferendas. Há macacos, jabutis, porcos-do-mato, veados, antas. E aves deliciosas: o mutum, o jacu, a jacutinga (parecida com o faisão), o pato, o jacamim, o macuco. Só que, desde a aproximação dos kranhacãrore, é proibido caçar. Tiros ou flechadas, neste momento, podem espantá-los. E a comida dos Villas Boas tem sido, nas últimas semanas, a monótona combinação de arroz e peixe ensopado, no almoço e no jantar.

Porcelana e aço — Assemelham-se, os civilizados e os primitivos que se estudam, se indagam. De um lado do rio, o acampamento colorido dos Villas Boas: quatro ranchos cobertos de plástico azul e folhas acinzentadas de ina-

já, repletos de redes estampadas. Do outro lado, ao alto da barranca, a clareira onde os kranhacãrore, cada vez mais freqüentes e confiantes, aparecem para pegar presentes. Mesmo sem diálogo, os Villas Boas já conhecem muito deles. Não sabem usar panelas. Carregam água em folhas de bananeira brava. Não gostam de contas de plástico; preferem as de porcelana importada da Checoslováquia (na semana passada, foram mandados 10 quilos para a expedição). Do mesmo modo, preferem os facões de aço inoxidável. Tanta exigência tem explicação. Esta é a segunda vez que Orlando e Cláudio tentam estabelecer contato com os kranhacãrore (a primeira, em 1968) e, pela experiência com presentes anteriores, eles já sabem qual material é melhor.

A segunda expedição começou a 15 de janeiro, quando Cláudio e Orlando saíram do Parque Nacional do Xingu, a grande reserva indígena que dirigem (veja quadro na página 54). Iam para a Base Aérea do Cachimbo, com quarenta índios do Parque, ao encontro da equipe de topografia do 9.º Batalhão de Engenharia e Construções, do Exército,

que iniciaria a demarcação da rodovia Cuiabá—Santarém na região do Peixoto de Azevedo. A missão dos Villas Boas, o motivo da expedição, era chegar com antecedência aos kranhacãrore e persuadi-los a se afastarem do traçado da estrada. O plano dos dois irmãos é transferir mais essa tribo para o Xingu, onde coexistem quinze outras num total aproximado de 2 000 índios.

Na outra margem, acenando — Em seu meticuloso diário, escrito em letra clara de quem não tem pressa, Cláudio Villas Boas nivela, no mesmo estilo sintético, os dias monótonos e os emocionantes. Lembrou alguns deles, como o 27 de setembro, para Nello Pedra Gandara, de VEJA: "Eram 10h30 da manhã, quando percebi flechadas sobre as redes, vindas da outra margem do rio, e vi que estávamos cercados no acampamento. Eles estavam em maior número na nossa margem. Talvez uns cinqüenta, ou mais, embrenhados na floresta. Recomendei calma. Apanhei alguns colares e facões e me dirigi ao cerco, no lu-

continua na página 51



Orlando: esperando os gigantes



Cláudio: junto, como há 29 anos

FOTOS DE LUCI MAMPRIM

Nas seis páginas seguintes, fotografias desta última aventura dos Villas Boas, próximos dos kranhacãrore como, no passado, estiveram de outras aldeias desconhecidas.

veja 2/11/72

gar que julgava mais fechado. E os kranhacãrore sumiram como chegaram, fazendo pouca bulha".

Outro episódio, às 9 da manhã de 15 de outubro, quando cerca de vinte kranhacãrore apareceram na outra margem e, em vez de se afastarem como sempre, acenaram. "Pedi calma aos índios que estão comigo. Sem agitação, respondemos aos acenos e, com os braços levantados, mostramos facas, colares e facões. Demos com o braço, pedindo que viessem ao nosso acampamento. Mas eles gesticulavam, chamando-nos para o lado deles. Acho que todos estavam armados. O que me pareceu o líder falava mais alto, com autoridade, e tinha provavelmente mais idade que os outros. Sustentando nossos colares e facões, atravessamos, seis homens, até o lado deles. Desembarcamos e percebemos que estavam na mata, vigiando. Penduramos os colares e facões numa corda e voltamos para a nossa margem. Uns dez minutos depois, eles reapareceram, com os colares no pescoço e sacudindo a corda, sinal de que queriam mais. Tornamos a atravessar, com mais presentes. E eles tornaram a se esconder na floresta."

O chamado da selva — No dia 19, às 8 da manhã, houve o que muitos indigenistas consideram o contato já feito. "Apareceram repentinamente, na outra margem. Sem qualquer jeito de indecisão, respondemos aos acenos e fomos, eu e os dois cozinheiros, até a margem deles. Deviam ser uns cinquenta, e havia uma mulher mais decidida que parecia nos aguardar. Temendo não chegar a tempo, pedi com mímica que nos esperassem. Sem correria se afastaram, e um deles armou a flecha em nossa direção. Para inspirar confiança, continuamos com os braços levantados repetindo várias vezes pai, papai, pá, papá, pois até no sânscrito esse vocábulo tem o mesmo sentido de todas as outras línguas. A mulher parecia estar agitada. Batia com as mãos na perna. Quando estávamos a 10 metros da margem, todos desapareceram na mata."

Nesse dia, Cláudio chamou Orlando, que estava em São Paulo. Diferentes até onde é possível, o gordo Orlando (80 quilos) e o magro Cláudio (64 quilos) completam uma dupla perfeita para o trato com índios, desconhecidos ou conhecidos, e pessoas de um modo geral. Completavam um trio, enquanto viveu Leonardo, mais moço que eles. E poderiam ser quatro, se Alvaro Villas Boas, também funcionário da Funai, se adaptasse à vida na selva (é responsável por três pequenas reservas indígenas no interior de São Paulo e vive na capital).

"Vejam, senhores" — É provável que

a chegada de Orlando, dia 28, acelere a aproximação. Expansivo, brincalhão, os índios se enchem de alegria quando ele aparece. Chama-os por apelidos ("ô seu cara de boneca, ô macaco sem pêlo" e assim por diante), abraça-os, atende-os com paciência maternal. Em São Paulo, quase todos os dias passava no escritório da Funai e, invariavelmente, encontrava uma dezena de razões para se irritar. A principal, causa de todas as outras, é o esfacelamento do Parque, reduzido anualmente em suas verbas e meios para dar assistência aos índios. Reduzido fisicamente também: desde o ano passado, perdeu quase um terço de sua área para dar passagem à BR-80, uma das afluentes da Transamazônica.

Tudo, então, tocava os nervos de Orlando em São Paulo, até os convites para conferências, que no passado tanto o envaldeciam. Para uma delas escreveu um texto dramático: "... vejam, senho-



Alegria: a chegada de Orlando

res, exatamente agora estou regressando do interior dos nossos sertões, onde eu e meu irmão, Cláudio, estamos empenhados na consumação de mais um crime contra o nosso índio. Crime que cometemos em nome da nossa civilização. Ao cometê-lo, porém, nos consola saber, e aí concentramos todos os nossos esforços, que desventura maior eles teriam se não houvesse um esforço mediador, amenizador do choque inevitável entre duas civilizações. Então, é o caso de se perguntar: Por que atraí-los? Se fosse simples a resposta, como o é a pergunta..."

"Não estamos ainda preparados" — Por estranho que talvez pareça a quem conhece os dois apenas pelas aparências, a resposta de Orlando, na seqüência de seu discurso, é parecidíssima com a de Cláudio, o pensador, o caladão que se afunda em demoradas meditações, homem de paciência paterna ao cuidar dos índios.

Seu pensamento sobre o assunto: "No seu estado primitivo, o índio é feliz. O

fato de não conhecerem a ciência, não pesquisarem, não concluírem, não duvidarem, os faz serenos, absolutos, equilibrados e completamente felizes. Nós, os ditos civilizados, somos cheios de dúvidas. Procuramos, queremos conhecer, queremos ser. Mas o que penso é que não somos nada. Somos inquietos, egoístas, pretensiosos, ambiciosos e de certa maneira, quando queremos ser o que de fato não somos, nos desequilibramos e nos tornamos infelizes. Na nossa modesta opinião, a verdadeira defesa dos índios é o respeito, é garantir a sua sobrevivência dentro dos seus valores. A Funai deve ser essa garantia. Tem que ser esse órgão de luta que se propõe, para preservar e proporcionar a essas sociedades indígenas a sua continuação. Até que nós, os ditos civilizados, criemos condições para, futuramente, ocorrer a integração do índio. Procurar, agora, integrá-los é o mesmo que orientar um processo de destruição. Não estamos ainda suficientemente preparados".

A filosofia e a fotonovela — Fora o destino dos índios, nada mais une os pensamentos e gostos dos dois irmãos. Cláudio, 54 anos, gosta de Stravinsky e Beethoven e detesta Vila-Lobos, por considerá-lo mistura de clássico e popular. Orlando, 56, encanta-se com Vila-Lobos. Cláudio, desde a infância, passada entre os livros de advocacia do pai, maravilha-se com a leitura de Kant, Benedetto Croce, Tomás de Aquino, Santo Agostinho, Freud, Marx e outros pensadores. Orlando prefere ficção, conhece quase todos os autores brasileiros, mas, sem preconceitos, delicia-se com petiscos ligeiros, como as revistas de história em quadrinhos e de fotonovelas.

No Posto Diauarun, Cláudio é um monge, único civilizado a cuidar de índios juruna, suiá, txukarramãe e caiabi. Por esse trabalho, como funcionário da Funai, recebe 1 560 cruzeiros (aumentados agora para quase 3 000, enquanto auxilia na abertura da Cuiabá—Santarém). Seu rancho, coberto de folhas de inajá, paredes de barro, piso de terra, não tem móveis: só uma rede, uma mesinha rudimentar e uma estantezinha abarrotada. No Posto Leonardo, 100 quilômetros ao sul, Orlando é o prefeito de uma povoação que já se aproxima de vinte moradias, com uma enfermaria e um alojamento para hóspedes. Sua casa, de alvenaria, tem dois quartos, sala, cozinha, uma ampla varanda. A condição de diretor do Parque lhe garante vencimentos maiores: 2 820 cruzeiros.

Mas, ao contrário do que se poderia supor, Cláudio raramente sai do Diauarun. Uma vez passou lá oito anos seguidos. E Orlando, que está sempre em contato com estudantes e médicos da Escola Paulista de Medicina, responsável pela enfermaria, viaja com regularidade para Brasília, Rio e São Paulo. Na épo-



1949: Leonardo no Posto Jacaré

ca de chuvas (outubro a março), dificilmente se encontra no Xingu.

Kant versus Cretire — Esses homens, quando alguém contar por inteiro a sua história, parecerão tão irreais aos olhos do mundo como os vêem os selvagens que vão buscar nos fundos de mata, à beira de rios perdidos, em redor de lagoas desconhecidas. Certa vez, Cláudio se meteu a separar os juruna e os txukarramãe, em pé de guerra por causa de uma virgem raptada. Cretire, o txukarramãe raptor, respondeu ao chamado com uma insolência: "Você não é meu pai, não tenho medo de você, mato você". Além das palavras ásperas, tinha o rosto pintado de preto, para a luta, e comandava um grupo de guerreiros da mesma forma agressivos e arrogantes. Cláudio, o branco que entre brancos espalharia um bando facilmente só com sua fama de atirador insuperável (enquanto tem bala num de seus quinze revólveres, conserva no ar um pedaço de pau, uma lata), engoliu a ofensa, ignorou as armas que tinha à mão. E se pôs a parlamentar com Cretire, provando-lhe que os txukarramãe são crianças, nada compreendem das pessoas. Duas horas depois o desafiante chorava, arrependido. Cláudio, mais tarde revelaria de onde tirou a força da argumentação: "Falei-lhe da filosofia de Kant".

Outra feita, ao primeiro contato com os txukarramãe, as mulheres da tribo, indignadas porque não havia presentes para elas, exigiram que os estranhos fossem mortos. No aperto, Orlando plantou bananeiras, rolou no chão, cantou, improvisou cambalhotas e caretas, aprontou micagens variadas, enquanto gritava que, mortos, jamais poderiam voltar com prendas femininas. Exibiu seu repertório até que uma velha encanecida avisou que suas companheiras tinham resolvido dar mais uma chance aos brancos.

Tudo no lixo — Nas páginas iniciais de sua biografia, os Villas Boas aparecerão apenas como os heróis de uma aventura insonhada. Tinham parado de estudar, antes de completar o ginásio, e trabalhavam, junto com mais nove irmãos, para garantir o tratamento da hemiplegia do pai, que havia vendido a fazenda, em Botucatu, no interior paulista, e parara de advogar.

No começo de 1941, morreu o pai. Cinco meses depois, a mãe. E os filhos resolveram desmontar o casarão

em que viviam, no bairro de Pinheiros, na capital paulista. Como os compradores de móveis lhes oferecessem preço irrisório, preferiram jogar tudo no lixo. Conta Alvaro: "Todo dia, era uma fila de lixeiros pegando mesa, cadeira, guarda-louça. O que sobrou foi uma marquês, guardada por uma de minhas irmãs. Todo o resto foi para o lixo".

Desfeito o solar paterno, Orlando, Cláudio e Leonardo (dois anos mais novo do que Cláudio) mudaram para uma pensão "muito limpinha, de boia muito boa", na esquina da Marquês de Itu com Bento Freitas, ruas próximas do centro. Orlando trabalhava como escrivão da Esso. Leonardo era funcionário da Nestlé e, depois, de uma firma distribuidora de gás para geladeira. Cláudio entregava avisos da prefeitura, antes de se empregar na Telefônica. A burocracia os inquietava, esvaziava-lhes a vida de homens talhados para atividades mais vibrantes.

A marcha para oeste — Para compensar-se, os três irmãos varavam as noites lendo Euclides da Cunha ("Os Sertões"), Cândido Rondon (que ainda não era marechal mas já se celebrizara por ter esticado fios telegráficos Brasil adentro, até os confins do Acre, e por seu lema indigenista: "Morrer se for preciso, matar nunca") e Couto de Magalhães ("Viagem ao Araguaia"). E, à frente de um mapa do Brasil que ocupava uma parede inteira, ouviam os discursos arrebatados de Cláudio, a lhes anunciar grandezas e belezas pelos três, ainda, ignoradas.

A guerra, que tanto preocupava outros homens, quando a ascensão do III Reich se transformava em vertiginoso declínio, para eles, explodia muito além das regiões em que desejavam pelear. Ao mesmo tempo em que também ruía o edifício do Estado Novo, o coronel Flaviano Matos Vanique chefiava a guarda pessoal de Getúlio Vargas. Assegura Orlando: "O Brasil marchou para oeste, para esse homem sair do Catete. Até o Vaticano ele recusou. Só o desbravamento foi capaz de comovê-lo".

Por esse acaso, ou por obra da visão getuliana, formou-se a Expedição Roncador-Xingu. Ou, em outras palavras, resolveu-se desvirginar uma extensa fatia do bolo terrestre, indevassada e tenebrosa bastante para desafiar o coronel Vanique e empolgar os Villas Boas sequeiros de vida livre.

Tudo no vagão queimado — E lá se foram eles. O coronel, como que considerava a nata da guarda palaciana (entre eles, por exemplo, Climério Euribes de Almeida, muito conhecido a partir de 1954, quando um tiro acertou o calcanhar do jornalista Carlos Lacerda e outro matou o major Rubens Florentino Vaz, da Aeronáutica). Orland

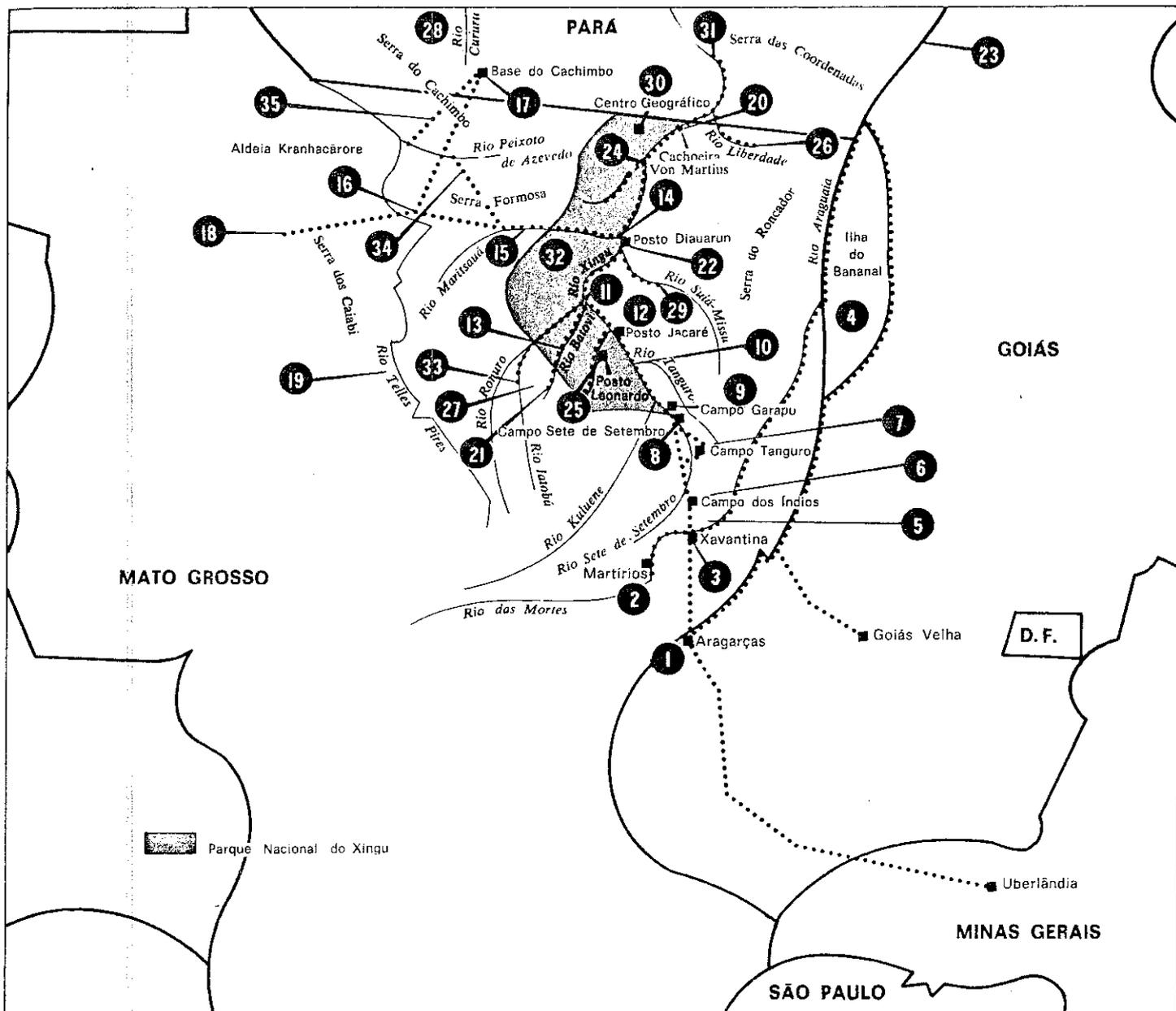


Orlando: com um amigo, em 42 e...



... no mato, em 45

FOTOS ARQUIVO VILLAS BOAS



Por onde andaram os Villas Boas

1943

- 1) Aragarças. Cláudio e Leonardo, vindo de Goiás Velha, integram-se à Expedição Roncador-Xingu. Quinze dias depois, chega Orlando, vindo de Uberlândia.
 - 2) Antes de começar a viagem, Cláudio vai até Martírios, povoação do tempo dos bandeirantes, abandonada.
 - 3) Cláudio e Leonardo seguem por terra até Xavantina, ao sul da serra do Roncador, ponto de partida da expedição.
- 1944
- 4) Orlando, com outra parte da expedição, vai por água. Desce o Araguaia, contorna a ilha do Bananal, sobe o rio das Mortes até Xavantina.
- 1945
- 5) Os três irmãos, na vanguarda da expedição, atravessam território xavante.
 - 6) Abertura do primeiro campo de pouso, o Campo dos Índios.
 - 7) Atravessada a serra do Roncador, abrem o segundo campo, Tanguro.
- 1946
- 8) Abertura do Campo Sete de Setembro. Os irmãos, imitando os bandeirantes, plantam roças e erguem ranchos. Constroem barcos para descer o rio Sete de Setembro.

- 9) Descendo o rio, constroem o campo de Garapu.
 - 10) Encontro com os índios kalapalo, já no rio Kuluene.
- 1947
- 11) Onde se juntam os rios Kuluene e Ronuro, começa o Xingu. Contatos com os índios camaiurá, meinaco, aueti.
 - 12) Construção do campo de pouso e posto Jacaré.
- 1948
- 13) Visita à aldeia Waurá, no rio Batovi. Já existe a idéia de criar um parque indígena no Xingu.
- 1949
- 14) Na confluência do Xingu com o Maritsauá, contato com os Juruna. Primeiras notícias dos txucarramãe.
 - 15) Reconhecimento do Maritsauá.
- 1950
- 16) Picada, através da serra Formosa, até o rio Telles Pires, ou São Manuel. Abertura de campo de pouso. Explorações aéreas até a serra do Cachimbo.
 - 17) Os três irmãos, durante todo o ano, abrem o campo do Cachimbo.
- 1951
- 18) Penetração, através da serra dos

- Caiabis, para contatar os índios do mesmo nome.
 - 19) Exploração do rio Telles Pires.
- 1952
- 20) Expedição até a cachoeira Von Martius. Rastos dos txucarramãe.
 - 21) Subindo o rio Batovi, primeira tentativa de contato com os índios txicão.
 - 22) Cláudio constrói campo de pouso e posto no Diauarun.
- 1953
- 23) Leonardo segue para o Araguaia, vai até o Pará, contatar os Índios xicrin.
 - 24) Orlando e Cláudio contatam os índios txucarramãe, pouco antes da cachoeira Von Martius.
- 1954
- 25) Construção do Posto Capitão Vasconcelos, que a partir de 1961 se chamaria Posto Leonardo.
- 1955
- 26) Levantamento do rio Liberdade.
- 1956
- 27) Nova tentativa de contato com os txicão, que fogem do Batovi para o rio Jatobá.

1957/58

- 28) Cláudio reconhece o rio Cururu. Abre a picada Cachimbo—Cururu.
- 1959
- 29) Levantamento do rio Suiá-Missu. Contato com os índios suiá.
- 1960
- 30) Demarcação do Centro Geográfico do Brasil. Abertura de campo de pouso.
 - 31) Na volta, descem o Xingu até a serra das Coordenadas.
- 1961
- 32) É criado o Parque Nacional do Xingu. Leonardo adoece e é levado para São Paulo, onde morre.
- 1964
- 33) Atração dos Índios txicão, no rio Jatobá.
- 1968
- 34) Primeira expedição aos kranhacôre, do rio Maritsauá até o Peixoto de Azevedo. Picada de 130 quilômetros.
- 1972
- 35) Segunda expedição aos kranhacôre, saindo da base do Cachimbo.

Viagem até as aldeias kranhacãrore

Em 1968, quando falhou a primeira tentativa de contato com os kranhacãrore, o fotógrafo Luigi Mamprin, de "Realidade", esteve seis meses acompanhando os irmãos Villas Boas. Desta vez, ficou três meses (e tornou a voltar, há três semanas). Aqui estão alguns trechos de seu diário.

31 de abril — Ao chegar ao acampamento, encontro Cláudio, revejo índios companheiros de outras expedições. Conversamos bastante e chego à conclusão de que as coisas vão demorar um pouco. Cláudio está abrindo uma picada. Nos próximos dias, mudaremos de acampamento.

2 de maio — É domingo. De avião, é jogada uma mensagem, dizendo que os kranhacãrore tinham-se aproximado da Base do Cachimbo, na noite anterior. Perplexidade e desânimo. Cláudio não esconde sua decepção. "O contato tinha de acontecer. Mas, na Base do Cachimbo, será um desastre. Os kranhacãrore morrerão como moscas".

25 de maio — Sexta-feira, 12 horas. "Farinha", um trabalhador do 9.º Batalhão de Engenharia e Construções, aparece segurando uma flecha sem ponta: "Seu Cláudio, o índio flechou o Bispo". Pouco depois, chega o trabalhador Aureliano Bispo de Oliveira. Barba crescida, com uma jaqueta tipo militar aberta, tem ainda cravada embaixo do braço uma flecha serrilhada, de 30 cm de comprimento. Mais tarde, conta como as coisas aconteceram. Tinha acabado de almoçar, retornava para o local de trabalho. De repente, viu os índios: "Uns dez ou quinze, não sei, e começaram a atirar flechas em mim".

26 de maio — O Bispo continua lamentando, a flecha fincada no corpo. (Ficará assim 46 horas.) Ambiente tenso entre os trabalhadores. Nada pior do que um acampamento cheio de gente, sem ter o que fazer, comentando um fato que os envolve tão diretamente.

27 de maio — Pela manhã, chega o helicóptero para remover o ferido. Deverá voltar mais tarde, com Orlando e o coronel Meirelles, comandante do 9.º BEC.

29 de maio — Encontraram, no lugar do incidente com o Bispo, quatro maços de flechas bem acabadas (82, no total), um arco e duas bordunas. No mesmo dia, vamos lá deixar presentes. É preparado um abrigo para os presentes.

Dois peixes desenhados em papelão são pendurados em anzóis com linha. Cláudio diz: "Tomara que eles entendam que não queremos briga".

14 de junho — Baixa em nosso campo de pouso, pela primeira vez, um táxi-aéreo. Traz o coronel Meirelles e Orlando. Em outro voo, chega o dr. Philippe, da Escola Paulista de Medicina.

20 de junho — Mudamos o acampamento para mais perto do campo de pouso. Ainda no outro, Orlando tropeçou e caiu, machucando a perna e batendo a cabeça. O dr. Philippe recomendou repouso; mas é muito difícil segurar Orlando.

26 de junho — Finalmente, posso sobrevoar e fotografar as aldeias dos kranhacãrore. A manhã está linda e clara. De improviso, as aldeias e dezenas de roças. Cada uma tem de quinze a vinte malocas. E índios, muitos índios, acompanham com interesse as evoluções do



FOTOS DE LUIGI MAMPRI

Edilso: teria escapado com vida?

avião. Atiro um pacote de presentes e, lá embaixo, começa a corrida. Um deles consegue pegar o pacote e foge, perseguido pelos outros. A impressão é de alegria.

5 de julho — Continuam os vãos sobre as aldeias. Parece que há por lá alguma festa. O piloto fala em barraco de palha no centro da aldeia. A concentração de índios é fora do comum.

8 de julho — Cláudio resolve verificar os presentes deixados no local do Bispo. Ao chegar, temos uma grata surpresa: três bordunas cruzando a picada, um cocarzinho de "curica" (um pequeno papagaio) debaixo do toldo de presentes, mais bordunas e um cocar de pena de mutum. Voltamos satisfeitos, acreditando finalmente nas boas intenções dos kranhacãrore. Ao chegar ao campo, dois aviões na pista: o que nos dá cobertura e um Cessna desconhecido. Neste, tinham vindo dois homens barbudos e um terceiro, de GRAVATA, que se chama José Basílio e segura duas flechas, evidentemente de kranhacãrore. Trabalha para uma empresa de mineração e diz que seus operários têm con-

tatos freqüentes com os kranhacãrore há uns três meses. Confirma que são muito altos: os homens entre 2 m e 2,10 m; as mulheres teriam 1,80 m. Eu, francamente, não gosto da história. Estou suado, sujo, barbado e maltrapilho, correndo no mato há três meses e chega de avião, no nosso campo, este cavalheiro de GRAVATA, dizendo que já está tudo feito.

13 de julho — Estou com malária. Chegou carta de casa, a saudade bate às portas. Isto, como diz o Junges, radioperador do 9.º BEC, "derruba qualquer herói".

19 de julho — Começamos a descer o rio, para mais próximo das aldeias kranhacãrore.

20 de julho — Parada às 17 horas. Comentamos a informação, jogada no rio pelo piloto do avião, de que os kranhacãrore tinham queimado uma das aldeias. Isso só pode significar que, espionando nossa marcha, os índios resolveram se esconder no mato. A notícia pareceu-me francamente desanimadora.

22 de julho — Saímos relativamente tarde. Paramos para almoçar numa praia. Lá, encontramos marcas nas árvores indicando a passagem de civilizados: uma frase ilegível e um nome, Edilso. Teriam passado incólumes pelos kranhacãrore? Pouco depois, damos com a entrada de uma lagoa que já tinha sido avistada do avião. A expedição ficaria ali mesmo. A aldeia fica a 10 quilômetros.

26 de julho — Depois do almoço, Orlando vai até o local onde havíamos deixado presentes. Quando volta, novidade: os índios tinham levado tudo e ainda tiveram tempo de fazer uma brincadeira. Desenharam, com carvão, numa árvore, um símbolo sexual feminino. Um triângulo com a base para cima. Sobre a base, risquinhos. O índio Bediai, da tribo txukarramãe, explica que os risquinhos significam que os kranhacãrore não se depilam.

27 de julho — O rádio está dizendo que esta noite haverá eclipse da Lua. Cláudio e Orlando mostram-se preocupados com a consequência do eclipse entre os kranhacãrore. Uma enquete, entre os índios de diferentes tribos, revela que todos ligam o fenômeno a mortes, guerras, doenças.

28 de julho — Às 11 da manhã, o avião volta de seu voo aos kranhacãrore. A notícia não podia ser pior: eles queimaram as aldeias e sumiram. O desânimo foi geral. Por causa do eclipse, seguramente, os kranhacãrore resolveram afastar-se definitivamente do nosso grupo. Bastou um nada, como uma fatia de Lua a menos.

29 de julho — O avião avisa que as aldeias continuam desertas. No meio da maior, um varal com presentes nossos e



Bispo: "Eram uns dez ou quinze"

deles. Isto pode ser entendido desta forma: "Nós fomos até vocês. Agora, venham aqui". Mas essa história pode também ser entendida como uma cilada. À tarde, com Orlando e Cláudio, vamos até a picada deles. Fizemos quase 600 metros. Somente cipós no caminho. Voltamos, porque estava ficando escuro. À noite, Orlando tem uma crise de hipoglicemia. Pressão a 22. Cláudio está bastante alarmado. Mas tudo passa depressa, já estamos traçando planos para a ida à aldeia.

31 de julho — Orlando e Cláudio selecionam vinte índios. Além deles dois, somos mais seis civilizados para irmos até as aldeias. Orlando e Cláudio avisam que nossa marcha será lenta e cautelosa, a caminhada pode reservar surpresas. E temos, logo de saída, a 200 metros do acampamento. Os kranhacãrore tinham recolhido presentes deixados ali. Mais 1 quilômetro, outra surpresa: restos de fogo, indicando o lugar onde nove deles haviam passado a noite. Esse índio é peitudo: com toda essa história de eclipse, veio apanhar o nosso presente e dormiu tão perto. Pouco depois de 4 da tarde, Orlando manda acampar. É um pouco cedo, mas não sabemos se haverá água mais adiante.

1.º de agosto — Saímos cedo, após breve refeição. Uma hora depois, encontramos uma picada bem limpa. "Uma avenida para nós", diz Orlando. Sem dúvida, a primeira aldeia está próxima. E lá está ela: tudo queimado, a estrutura das malocas enegrecida, cinzas. O panorama é desolador. À natural decepção, soma-se a tristeza, provocada pelo aspecto da aldeia. Saímos em silêncio e dirigimo-nos a outra. Entramos pelas roças circulares, cercadas de bananeiras com grandes cachos, plantadas com batatas, inhame, mandioca, abóbora, urucum. To-

do um sistema de vida abandonado, toda uma organização social. Depois de almoçar, finalmente estamos na aldeia maior.

Aquilo que era um paraíso, do avião, nada mais virou que um amontoado de carvão e cinza. No centro, o varal com 37 bordunas, quatro machados de pedra. Orlando manda juntar os presentes deles e prepara um varal nosso. Começam os primeiros gritos, o ambiente recatado acabou. Todos querem achar coisas. Bediai não pega nada. Vira-se para mim: "Coitado kranhacãrore. Queima aldeia, deixa roça bonita, vai no mato, mulher e criança passando fome. Coitado mesmo". Pergunto porque não recolhe nada. "Mamprin, eu quero ver kranhacãrore, falar com ele, ver como é. Se ele der presente, borduna, machado para mim, assim está bem. Eu não gosto pegar coisa que ele deixou para fugir no mato."

Os presentes estão armados, bem visíveis no meio da aldeia. Proponho um grupo de toda a expedição. Quando começo a fotografar, o grupo cai na gargalhada. Ao meu lado, hesitante, vem vindo uma pequena anta. Milagrosamente, vão aparecendo pedaços de banana, de batata. A antinha é mansa, evidentemente domesticada pelos kranhacãrore.

2 de agosto — Depois da noite passada perto da aldeia maior, voltamos. Apesar de decepcionados, avançamos rapidamente. A caminhada é feita em cinco horas. É curioso, mas o fato de voltarmos para um lugar que, de fixo, só tem as árvores onde armamos nossas redes, dá-nos a impressão de regressar a nossa casa.



O símbolo feminino: com risquinhos

do e Leonardo, alforriados pela demissão que seus patrões concederam. Cláudio, o precavido Cláudio, com um período de férias dado pela Telefônica.

Recorda-se Orlando: "O Getúlio não quis gastar nada, tinha de ser tudo na base da doação. E São Paulo, como sempre acontece no Brasil, prontificou-se. A Antarctica doou não sei quantos barris de um rum forte que só bebendo. O sujeito punha aquilo na boca e saía fumaça. A Alpargatas colaborou com uns tantos quilômetros de Iona. A vendedora sinhazinha Junqueira ofereceu álcool motor, uma preciosidade naqueles dias de guerra, quando ninguém tinha gasolina".

Senhoras paulistas confeccionaram uma bandeira do Brasil e o governo do Estado forneceu um vagão. Esse vagão, aliás, pegou fogo logo no começo da viagem. Lembra-se ainda Orlando: "Daí para diante, tudo o que faltava, diziam: 'Está no vagão queimado'. Depois, fazendo as contas, o tal vagão tinha umas 70 toneladas a mais do que era capaz de agüentar".

Os analfabetos — Os três irmãos alistaram-se como analfabetos: Cláudio e Leonardo na turma dos capinadores; Orlando na dos serventes de pedreiro. Com esse ardil, esperavam evitar o trabalho de escritório, do qual fugiam. Mas foram descobertos logo nos primeiros meses, quando desatolavam um avião que precisava decolar do recém-aberto campo de pouso de Xavantina. E Orlando foi nomeado secretário da Expedição, tendo Cláudio e Leonardo como seus auxiliares.

A turma do coronel Vanique fazia estripulias pelo caminho. Num lugar, prenderam o juiz. Noutro, o prefeito — e jogaram a chave fora ("Como lá não existia serralheiro, o prefeito ficou uns dois dias atrás da grade", conta Orlando). Outra vez, o indômito oficial de Getúlio ordenou o carregamento de um barco acima da tonelagem máxima. E a pesada embarcação afundou 200 metros adiante. Em Xavantina, ao sul da serra do Roncador, o Colombo das selvas quis elevar historicamente o marco inicial da Expedição, com um discurso e um foguetório. Ao primeiro estouro, os burros arrumados à última hora debandaram loucamente ("Até hoje, andando por aquelas bandas, encontra-se pedaço de couro no mato. É daquela burrada", exagera Orlando). Apesar de todos os trancos, começava a África dos irmãos Villas Boas (veja o mapa de suas andanças na página 53).

Faças gastronômicas — Resumidamente, esse princípio encontra-se no curriculum vitae escrito por Orlando para a Royal Society, instituição inglesa que se interessou por seu trabalho. Ele escreveu: "Subdesenvolvido não tem



ARQUIVO VILLAS BOAS

1945: Leonardo, Cláudio e Vanique

currículo. Que dados palpáveis semibichos podem encaminhar de forma a ilustrar as páginas da Royal Society? Os nossos grandes feitos foram no campo da gastronomia — macaco cru, onça com açúcar, chá de qualquer folha, etc. . . . Coisas que por certo dariam náuseas a Sua Majestade, a rainha, e a toda a Royal Society.

"Participantes da velha 'Roncador—Xingu', fomos: Cláudio, Leonardo e eu, os responsáveis pela vanguarda da expedição no momento em que esta, saltando o rio das Mortes, rompia rumo ao Roncador. Lá estavam os xavante. Não tão terríveis e ferozes como diziam os cronistas. É verdade que por quatro ou cinco vezes tentaram cercar a tropa de burros e, duma feita, fizeram uma enorme mexida com a carga, pondo num monte só o arroz, o feijão, o açúcar, o sal, a banha e tudo mais. Nesta altura, já estou fugindo, porque estes dados não são nossos e sim dos xavante, que deles vão precisar quando Sua Majestade quiser homenageá-los por terem aturado os brancos.

"Aconteceu então que o velho Rondon, temeroso de que algo viesse a acontecer aos índios — já que a expedição estava a cargo de um truculento coronel antiíndio —, resolveu nomear-nos Delegados de Conselho".

Aparecem os kalapalo — Os vanguardeiros irmãos Villas Boas, em seu rastro até as matas do rio Kuluêne, que Orlando chama de "beicinho da Amazônia", deixaram 500 quilômetros de picada riscando o cerrado grosso da chapada. Três anos de expedição já haviam corrido, três campos de pouso estavam abertos, quando Orlando, Cláudio e Leonardo contataram sua primeira tribo, a dos kalapalo.

Escreveu Orlando em seu currículo: "Gritos e correria marcaram o encontro. Depois, foram chegando devagarinho, ressabiados e prevenidos. E o 'Pero Vaz' da nossa 'armadinha' pode escrever: '... andávamos entre eles tão tranqüilos quanto eles entre nós'". Começava, entre os Villas Boas, a transformação que os prenderia aos índios indefinidamente. Passavam, desde os kalapalo, a

sentir-se responsáveis pela vida de cada tribo encontrada. Pois, em cada uma, descobriam uma cultura com séculos de sedimentação, um tesouro a ser defendido e preservado. Tanto que, em 1949, depois de terminado o posto mais importante da expedição, lá ficou Leonardo, cuidando dos índios da região — camaiurá, iaucalapiti, meinaco, aurá, trumai e aueti —, enquanto Cláudio e Orlando seguiam até a junção do Kuluêne com o Ronuro, onde começa o majestoso Xingu e terminava a histórica expedição.

O mais novo, além de impedir sacrifícios cruéis exigidos por algum rito primitivo, lutava contra a pressão de ocasionais e ambiciosos brancos interessados em se apossar dos territórios indígenas sob sua guarda. Os mais velhos partiam para nova missão, rumo ao distante rio Teles Pires, ou São Manuel, principal formador do caudaloso Tapajós.

A aventura do Cachimbo — Percorrido o penoso trecho, num pedaço de dezenas de quilômetros atravessado graças a difícil caminho de madeira erguido sobre o pantanal, construiriam mais um campo de pouso. De lá, em repetidos vôos, escolheriam uma clareira na serra do Cachimbo, a aventura seguinte.

Novamente reunidos, os três Villas Boas iam abrir o Campo do Cachimbo, estratégico para a "linha aérea transcontinental", que o Correio Aéreo Nacional desejava. Quase morreram os três e o piloto, pouco depois de decolarem, quando o avião entrou em pane e despencou na direção da floresta. "Com muito custo, fomos voltando para o Teles Pires. Cada morrote, o piloto gritava: 'Segura que vamos bater'. E passávamos raspando. No último, já na cabeceira da pista, o avião raspou, bateu a bequilha e caiu direto no campo", conta Orlando. Numa segunda tentativa, chegaram ao Cachimbo, onde homem algum havia pisado, segundo se pensava. Mas, enquanto limpavam um canto da clareira para o acampamento, desapareceu o facão que Leonardo havia fincado num tronco. Procurando-o, encontraram pegadas de gente que andava descalça.

Mesmo assim, os três passaram ali quase todo o ano de 1950, quebrando pedras de lua a lua, já que trabalhavam à noite, por causa do calor insuportável e dos insuportáveis mosquitos. Vez e outra, ouviam passadas na mata. Não se arriscavam a pescar, não se aventuravam a caçar, o rádio estava com defeito, a comida se acabava, quando Leonardo viu um veadinho na orla do arvoredor. Escondido atrás dos calombos de pedra ainda por quebrar, chegou até 3 metros de distância. Não teve coragem de atirar: o veadinho, sem qualquer espanto, ficou olhando-o até voltar para a sombra da mata. Atrás do

cândido animalzinho, tocando-o para longe da clareira, saíram correndo uns vinte índios. E Leonardo, igualmente apressado, voltou para junto dos irmãos.

A metamorfose — O avião salvador só apareceria meses depois, com o campo já pronto. Leonardo e Cláudio voltaram para o Xingu. Orlando, antes, ficou um tempo hospitalizado em Santarém, cuidando da perna inchada de tanta picada de mosquito.

A essa altura, os irmãos Villas Boas entravam na fase dolorosa de seu processo de metamorfose. Viravam heróis, como haviam sonhado. Mas descobriam que o heroísmo se alimenta de seiva geralmente amarga, apesar de uma doce copa de lances aventureiros. Na construção do Cachimbo, tinham ficado à própria sorte, os três e dois índios caiabi, além do operador de rádio. Os governos, aprenderam então, pouco se importam que heróis morram no nascedouro. Além do abandono, a única paga recebida pela campanha do Cachimbo foi no dia da inauguração, em 1951. Getúlio Vargas, outra vez na presidência, desfilou com eles entre as altas autoridades presentes.

Entretanto, na mesma medida em que se desiludiam com os governos, os heróis em formação encantavam-se cada vez mais com as tribos indígenas. Varar florestas e rios, buscando índios arredios onde existissem, para protegê-los de nocivos encontros com garimpeiros, seringueiros, apanhadores de castanhas, era a sua compensação. Como anos antes, quando espantavam o fantasma da burocracia, confortavam-se com os ser-tões.

Em 1953, Leonardo ia até o interior do Pará contatar os temíveis xicrin. Por lá, contrairia o reumatismo infeccioso, cujas seqüelas, em 1961, provoca-

continua na página 58



DIÁRIOS ASSOCIADOS

1947: contato com os camaiurá

riam sua morte, durante uma operação cardíaca, em São Paulo. Cláudio e Orlando, descendo o Xingu, conseguiam finalmente entrar na aldeia dos txukarramãe, que os evitavam sempre. "Nem podia ser de outra forma. Era exigir do índio um desprendimento sobre-humano, querer que eles viessem ao nosso encontro. Ao encontro de representantes dos seus mais encarniçados inimigos — os civilizados", escreveriam os dois em seu relatório ao Serviço de Proteção ao Índio.

Os txukarramãe — No mesmo relatório, Cláudio e Orlando informam sobre costumes dos txukarramãe, com dados certamente muito parecidos aos que ilustrarão a história de seu contato com os kranhacãrore.

"Utensílios — Não possuem qualquer tipo de vasilhame. Quase tudo que comem, assam em folha de bananeira brava. Com o broto de buriti, traçam bolsas, que fecham com fios de algodão até a boca, onde deixam aberto um espaço em que mal cabe a mão. Utilizam-nas para carregar farinha, banana, etc. São, de maneira geral, paupérrimos em matéria de utensílios.

"Alimentação — A banana é o seu principal alimento. Embora não possamos afirmar utilizarem-se estes índios da terra como alimentação básica, vimos, entretanto, ingerirem terra de todos os tipos: desde o cupim (preferida) até areia da praia.

"Agricultura — Notamos que os txukarramãe estão no início de uma agricultura intensiva. Não há dúvida de que estão, claramente, num período de transição de seu nomadismo secular para o índio aldeado, agricultor.

"A mulher — As mulheres txukarramãe são em geral, altas, gozam de ótima saúde. São elas que carregam, nas marchas, quase toda a carga. Elas se pintam de jenipapo com largas faixas e desenhos os mais variados. Andam total-



1968-69: Kenneth Brecher no Xingu



1961: os três irmãos em São Paulo

mente nuas, não se depilam, furam as orelhas e cortam o cabelo igual ao homem.

"O homem — Os homens txukarramãe apresentam uma estatura que se pode dizer mediana. Não se depilam. Costumam raspar a cabeça acima da frente".

O vocabulário txukarramãe, do mesmo grupo lingüístico (jê) dos kranhacãrore, tem algumas singularidades, indicadas no relatório ao SPI. Todas as palavras referentes a partes do corpo começam com o som de **i**: inikrá (dedo), inhokôt (peito), inikrániê (mão), inó (olho), etc. No mesmo rol, incluem ipron (esposa) e ikrá (filho). Colocam a negativa no final da frase. Por exemplo: txukarramãe puká kukren (txukarramãe come terra), juruna puká kukren kati (juruna come terra não). Não têm o infinito dos verbos. Distinguem-nos pela primeira pessoa do indicativo, acrescentando um final ao pronome bá, eu (bainó, eu vejo; baarê, eu nado; baikõn, eu bebo).

A expulsão dos juruna — Revelações apaixonantes, admiráveis, por certo, mas alcançadas junto com revesses atordoantes. Às vezes, chegavam-lhes notícias de que aquelas mesmas gentes ingênuas estavam morrendo aos montes, atacadas por uma doença venérea, uma gripe, uma epidemia de sarampo, um vírus qualquer deixado por civilizados a quem recebiam pensando tratar-se de pessoas bem intencionadas como os Villas Boas.

O antropólogo inglês Kenneth Brecher, que passou dois anos entre os waurá (1968-1969) e escreveu a "orelha" do livro de Cláudio e Orlando ("Xingu, os Índios, Seus Mitos"), é uma testemunha de que esses acontecimentos não são coisa do passado.

Entrevistado em Londres por Bernardo Kucinski, de VEJA, disse: "Eu vi o que aconteceu com os juruna. Fiquei

um mês entre eles, gostei muito do chefe deles, Bebina, um sujeito muito quieto, mas com um conhecimento das emoções humanas surpreendente. A aldeia era muito alegre e farta. Saí de já acompanhando Orlando atrás de outra tribo. Três semanas depois, de volta, encontrei-os dormindo na praia, assustados, sem nenhuma posse, nenhum bem, eles que moravam numa aldeia cheia de vida, com uma cultura rica. Pois bem, ti-

nham passado por lá os trabalhadores e engenheiros da BR-80. Acabaram com toda a comida, pegaram mulheres, praticamente expulsaram os juruna. Os waurá, sabendo disso, ficaram com medo. Pela primeira vez eles imaginaram que nem todos os 'caraíbas' são como os Villas Boas".

No coração do Brasil — Houve desenganos de outras naturezas. O marechal Rondon, que havia demarcado o centro geográfico da América do Sul (fica numa praça de Cuiabá), pediu que os Villas Boas fizessem o mesmo com o centro geográfico brasileiro. Era 1959, e, atendendo ao que seria o último desejo do marechal (falecido nesse mesmo ano), Cláudio e Orlando abriram uma picada rigorosamente reta, de 17 900 metros, começando na cachoeira Von Martius.

Verificaram que o coração do Brasil é um imenso formigueiro, onde resiste bravamente um gigantesco jatobá. Lá mesmo lavraram um toco de madeira de lei, que fincaram ao pé da imponente árvore. Mais adiante, com grande sacrifício, como em todas as suas jornadas, construíram um campo de pouso, que o presidente Juscelino Kubitschek pretendia inaugurar solenemente. Nem ele inaugurou, nem os presidentes posteriores, apesar de todos, até o marechal Artur da Costa e Silva, terem prometido. Agora, quando algum outro resolver ir até lá, será preciso reabrir o campo. "Querendo, a gente começa tudo de novo", prontifica-se, mesmo descrente, Orlando.

Um grande desânimo — Contradições como esta, aliás, formam a característica mais forte dos irmãos Villas Boas. Pelo Parque Nacional do Xingu, já entraram em luta física, expulsando inva-

continua na página 60

sores brancos, à frente de suas quinze tribos. Também pelo Parque, entre 1966 e 1969, os dois chegaram a perdoar todos os governos anteriores. Nesse período de grande apoio oficial, tinham um aviãozinho e motores para suas lanchas. Podiam percorrer semanalmente todas as aldeias. E, exemplo raro na história indígena desde o desembarque de Pedro Álvares Cabral, não se registrou um caso de óbito. Para os casos mais graves, diagnosticados a tempo, existia a enfermaria bem equipada do Parque ou, até, a possibilidade de transportar o doente para São Paulo.

Mas, a partir de 1969, a assistência decaiu. Enguiçaram os motores de popa, o aviãozinho parou, por falta de conserto, dezenove índios morreram em 1971, catorze até agosto de 1972. Novamente desiludidos, os dois irmãos estão pensando em se aposentar. Um grande desânimo os domina. "Se não fosse pelo Cláudio, já teria abandonado tudo", lamenta Orlando. Casado há três anos com uma enfermeira do Parque, Marina, cresce nele o prazer de ficar mais tempo no apartamento de muito bom gosto que tem em São Paulo, perto da elegante rua Augusta. De repente, preocupa-se com a educação do filho de dois anos, Orlando Villas Boas, que ele chama de Vilinha. Procura falar direito perto dele (o convívio com índios afetou seriamente sua capacidade de concordar gênero e número e pretende matriculá-lo em bom colégio paulistano).

No mato, de novo — Depois de tanto tempo e de tanto sacrifício. Orlando atormenta-se, subitamente, com o medo de morrer a qualquer hora, em algum fim de mundo. Operou um dos olhos recentemente, de uma catarata. Com o



1964: rei Leopoldo e Cláudio

ARQUIVO VILLAS BOAS

outro, não enxerga quase nada. Numa das vezes em que estiveram mais próximos dos kranhacãrore, no início de agosto, sofreu um ataque de hipoglicemia, a pressão subiu a 22. Recuperou-se, entrou com Cláudio na aldeia incendiada. Em seguida, viajou para São Paulo.

Teve outro ataque na Base do Cachimbo e, enquanto o operador de rádio pedia socorros aflitos a todos os aviões que passavam sem parar ("Temos aqui um homem com suspeita de perturbações das coronárias. É um dos irmãos Villas Boas."), lembrou-se daquele nunca esquecido ano de 1950, horrivel-

mente passado naquele mesmo lugar. Apesar de tudo, dois meses depois, quando Cláudio anunciou nova iminência de contato com os kranhacãrore, esqueceu temores, deixou o Vilinha com a garganta inflamada, febre alta, e esta mais uma vez entre os índios.

Cláudio, que desde a época da criação do Parque educa o filho de uma índia trumai com um índio caiabi, registrou a criança com seu nome: Tauarru Villas Boas. Pretende adotá-la e, para isso, dispõe-se a tirar documentos — que não tem desde 1943. Orgulha-se de saber que Tauarru (apelido, "Boizinho"), aos dez anos de idade, é o primeiro aluno de inglês do Instituto Educacional Luzwell, de São Paulo. Nomeou-o herdeiro de todos os seus bens (um apartamento kitchenete no centro paulistano mais 13 000 cruzeiros aplicados numa caderneta de poupança). Mas a Cuibá—Santarém avança rumo ao Peixoto de Azevedo e desde janeiro Cláudio está lá, enfiado no mato.

No mato, sempre — E lá permanecem eles, repetindo o que já fizeram tantas vezes. A exemplo de outros brasileiros, seu trabalho é mais valorizado no exterior. O ex-rei Leopoldo, da Bélgica, passou quase um mês no Xingu, em 1964, quando veio ao Brasil. O escritor Bertrand Russell, ao saber que tinha um leitor fiel no fundo de uma floresta, autografou um de seus livros e remeteu-o a "Mr. Cláudio Villas Boas". Antropólogos, sociólogos, políticos de vários países, nos últimos quatro anos, têm indicado os nomes de Orlando e Cláudio para o Prêmio Nobel da Paz. Honraria que, uma vez mais, divide os irmãos. Orlando acredita que virá. Cláudio: "Nunca. Nós não merecemos. Nós não temos condição nem de conversar sobre esse assunto. Só isso já seria uma pretensão".

Mato adentro esperando os ainda enigmáticos kranhacãrore, os persistentes, ascéticos irmãos Villas Boas parecem não sentir que a metamorfose chegou ao fim. Arredios eles próprios há quase trinta anos, hoje parecem mais índios do que brancos, com seus rostos escurecidos, os cabelos escorridos, os olhos puxados. Da mesma forma, contagiaram-se os seus espíritos, modelados pelos mitos e lendas que tanto escutam e cuja realidade desejam devassar. Bastará a notícia de que numa curva qualquer, de um rio qualquer, surgiram sinais dos lendários índios pigmeus*, e eles esquecerão dissabores e devaneios. Caminharão até lá, encantados, enfeitados como se encontram agora, às vésperas de conhecer os também lendários índios gigantes.

* Entre índios, fala-se da existência de tribos de pigmeus, de louros, de pretos, assim como sempre se falou dos gigantes.



1972: "Boizinho" e Vilinha, na marquesa que escapou do lixo

CARLOS NAMBA